



“I = II” - Bruno Borges, Jean-Pierre Santos, José Cunha, Rodrigo Prazeres Saias

11 Fevereiro / 14 Abril 2012

Galeria das Salgadeiras

«I = II» é a exposição que marca o início do ano dedicado à Natureza-Morta, na continuação da programação temática da Galeria das Salgadeiras, criada em 2010. As três edições desta iniciativa visam a exploração de temas clássicos, como o Retrato (em 2010) e a Paisagem (em 2011), na perspectiva contemporânea. Este ano a proposta incide sobre este género artístico que, conforme foi exemplo disso as duas recentes exposições na Fundação Calouste Gulbenkian, tem atravessado a História de Arte Ocidental, desde o século XVII até à Arte Contemporânea.

A própria definição de Natureza-Morta tem sido alvo de inúmeros estudos e é motivo de alguma discordância entre historiadores e críticos. Se atendermos a uma aceção literal do termo Natureza-Morta | “Still-life”, encontramos de imediato duas das questões mais pertinentes e transversais à Arte: a Vida e a Morte, ou não seria essa, a Arte, a forma de, em certa medida, o artista se tornar imortal. Este género artístico confronta-nos com a morte e, quiçá por isso mesmo, congratula-nos para a vida, num, apenas aparente, paradoxo. Nas mesas guarnecidas com romãs e vinho, nos vasos de rosas numa mesa camila, nas trutas e faisões caçados, encontramos composições de objectos, focadas nos mesmos onde a presença e realidade humanas estão subjacentes. De que forma este género artístico é re-interpretado na contemporaneidade? Que novas composições e alegorias serão, agora, criadas? Fará, ainda, sentido circunscrever a Natureza-Morta, sobretudo, aos objectos inanimados, ou a noção de “objecto” assume outras formalidades nestes “tempos modernos”? Estas são algumas das questões que esta exposição aborda.

As duas instalações de desenho de **Jean-Pierre Santos** focam a nossa atenção no pormenor e abordam a problemática formal do Objecto em diferentes perspectivas, sendo a Morte um assunto transversal a ambas. O caracol. As flores. A bomba de Hiroshima. O corpo humano aqui representado simbolicamente como objecto, no sentido de um certo fetichismo.

Encontramos nas fotografias de **José Cunha** uma beleza etérea e crepuscular, na acepção figurada da palavra. O sombrio das árvores num jardim ao lusco-fusco, nessa “passagem” do dia para a noite. A indefinição de alguém que vagueia num espaço urbano, vazio e inanimado. Um saco azul que voa ou sobrevoa o espaço negro, enquanto metáfora da morte. O Tempo enquanto possível interpretação da Natureza-Morta.

Nos seus desenhos, **Rodrigo Prazeres Saias** abordou o tema proposto pela composição e pela “mise-en-scène”. O quarto de dormir subtilmente iluminado projecta-nos para a intimidade, esse lugar interior onde cada um se (re)conhece. Uma composição clássica num contexto contemporâneo, numa mesma contemplação do espaço doméstico.

As pinturas de **Bruno Borges** provocam-nos uma nova interpelação sobre as fronteiras do Abstracto e do Figurativo. Aquela forma redonda, entulhada em blocos ou serenamente estendida, será um elemento pictórico ou gráfico? Será, porventura, um(a) personagem de uma narrativa, ou um elemento de uma construção espacial? Voltamos ao corpo e à sua metamorfose em objecto de uma composição.

A (re)interpretação subjectiva e a livre apropriação de um dos grande temas da Arte Ocidental, em particular Europeia, por quatro artistas contemporâneos em diferentes domínios da prática artística, da Pintura à Fotografia, passando pelo Desenho.

ANA MATOS

Lisboa, Fevereiro de 2011